
REVISTA TAKA'A

O MUSEU CASA BORGES E O PATRIMÔNIO CULTURAL DO Povo BALATIPONÉ-UMUTINA - BARRA DO BUGRES, MT

THE CASA BORGES MUSEUM AND THE CULTURAL HERITAGE OF THE
BALATIPONÉ-UMUTINA PEOPLE - BARRA DO BUGRES, MT

João Mário de Arruda Adrião

Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

Doutorando em Museologia e Patrimônio no PPG PMUS – Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro (Unirio).

<https://orcid.org/0009-0003-2516-823X>
joao.mario@unemat.br

Tainara Troika Kiri de Castro

Graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<https://orcid.org/0009-0001-1790-321X>
tainaratorika@gmail.com

Helena Cunha de Uzeda

Doutorado em Artes Visuais (EBA/UFRJ)

Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

<https://orcid.org/0000-0002-6847-1533>
helena.uzeda@unirio.br

RESUMO

Este artigo trata da relação entre o Museu Casa Borges (MuCB), instituição municipal na cidade de Barra do Bugres, interior do estado de Mato Grosso, e o patrimônio cultural dos Balatiponé-Umutina, povo originário da região do alto rio Paraguai. Diversas atividades culturais foram realizadas no MuCB com sua curadoria e participação, o que trouxe grande conhecimento sobre a história deste povo que, no início do século XX foi violentado e expulso de seu território, e que, quase cem anos depois, recuperou parte de seus saberes ancestrais por meio de pesquisa bibliográfica e no acervo do Museu Nacional dos Povos Indígenas do Rio de Janeiro. A pesquisa desenvolvida junto a professores da escola Julá Paré, da aldeia Umutina, para a realização das exposições contribuiu para importante material, documentado hoje no site do Museu Casa Borges.

PALAVRAS-CHAVE: Museologia. Balatiponé-Umutina. Museu Casa Borges. Barra do Bugres, MT.

ABSTRACT

This article deals with the relationship between the Casa Borges Museum (MuCB), a municipal institution in the city of Barra do Bugres, in the interior of the state of Mato Grosso, and the cultural heritage of the Balatiponé-Umutina, indigenous people from the upper Paraguay River region. Several cultural activities were carried out at MuCB with their curatorship and participation, which brought great knowledge about the history of these people who, at the beginning of the 20th century, were attacked and expelled from their territory, and who, almost a hundred years later, recovered part of their ancestral knowledge through bibliographical research and in the collection of the National Museum of Indigenous Peoples in Rio de Janeiro. The research carried out with teachers from the Julá Paré school, in the Umutina village, to perform the exhibitions contributed to important material, documented today on the Casa Borges Museum website.

KEYWORDS: Museology. Balatiponé-Umutina. Casa Borges Museum. Barra do Bugres, MT.

Introdução: O Museu Casa Borges

O espaço cultural denominado Museu Casa Borges (MuCB), localizado na cidade de Barra do Bugres surgiu por iniciativa de um grupo de indivíduos da comunidade – entre os quais, professores, historiadores, membros da Secretaria de Cultura, artistas, artesãos – que se reuniram e deram início à ocupação de uma casa abandonada de propriedade da prefeitura, para nela realizar eventos culturais que valorizassem as práticas regionais.

O Museu Casa Borges (MuCB) vem, desde 2018, apresentando exposições de artes plásticas, fotografia, cultura de povos indígenas e quilombolas, dentre outras ações culturais para um público formado, principalmente, por crianças e jovens das escolas do município de Barra do Bugres. As ações do museu buscam, de várias formas, valorizar a cultura local por meio da participação de artistas e artesãos locais, apresentações da cultura tradicional da região, artes plásticas, música, dança etc.

O museu, que surgiu como projeto de extensão do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), ainda não conta com plano museológico, tampouco possui equipe qualificada na área da museologia e conservação. No entanto, existe uma lei municipal, sancionada em 2021, que institui o Museu Casa Borges como museu municipal (Barra do Bugres, 2021), vinculado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC. O texto da lei determina que a gestão do Museu Casa Borges “se dará mediante acordo de cooperação técnica a ser firmado entre o Município de Barra do Bugres e entidades públicas e/ou organizações afins”, o que foi feito por meio de um Termo de Cooperação estabelecido entre a Universidade do Estado de Mato Grosso e a Prefeitura local, sob a coordenação de

docentes ligados à Universidade, a qual cabe todo o planejamento, organização e realização das atividades culturais propostas para o local.

Histórico do município

Região ocupada ancestralmente pelos povos indígenas Balatiponé-Umutina e Haliti-Paresí¹, o município de Barra do Bugres foi emancipado em 1944. Sua sede está localizada a 160 quilômetros a Oeste de Cuiabá, capital do estado, na bacia do rio Paraguai, um dos principais formadores das extensas áreas alagadas do Pantanal mato-grossense. Situado em uma região de ecossistema de transição entre Cerrado e Amazônia, abrigando grande biodiversidade, o município dispõe também de uma diversidade étnica significativa. Em seu território habitam povos originários, remanescentes quilombolas, comunidades de pescadores, além de descendentes de migrantes das regiões Sul e Nordeste do país, assim como de outras localidades de Mato Grosso (Oliveira, 2013; Barra do Bugres, 2024).

O início da ocupação do local onde hoje se encontra a cidade de Barra do Bugres ocorreu ao final do século XIX, quando se intensificou a exploração de madeiras nobres e de outras riquezas naturais, como a poaia – ipecacuanha (*Psychotria ipecacuanha*) ou raiz do Brasil, uma erva medicinal muito valiosa à época, abundante nas matas ciliares da região do alto rio Paraguai.

Os primeiros contatos do povo Balatiponé² com os não-indígenas ocorreram ainda no século XVIII, com o início da ocupação do interior de Mato Grosso. Mais tarde, com a intensificação da exploração da região, os indígenas vão sendo expulsos de suas terras, sofrendo violentos confrontos e, após algumas décadas, todo o povo Balatiponé tinha sido reduzido a apenas 23 indivíduos (Schultz, 1953; Jesus, 1987; Oliveira, 2013). Somente a partir da década de 1920, com a passagem das linhas telegráficas do Marechal Cândido Rondon, o povo Umutina passou a ter seu território reconhecido, no local denominado, então, de “Posto Fraternidade”, entre os rios Paraguai e Bugres (Arruda, 2003; ISA, 2024).

¹ As terras onde vivem os Haliti-Paresí pertencem hoje ao município de Tangará da Serra, desmembrado do território original de Barra do Bugres em 1976.

² O povo Balatiponé-Umutina era conhecido como Barbados, pelo uso de barbas naturais ou postiças, sendo sua língua classificada no tronco linguístico Macro-Jê, da linhagem dos Bororo (Povo Umutina/Balotiponé). Disponível em: <https://shorturl.at/19xqD> Acesso em: 30 jul. 2024.

Cientes da importância de sua história, em 2019 um grupo coordenado por professores da Escola Estadual Indígena Julá Paré, na aldeia Umutina, organizou uma exposição sobre a cultura e história do povo Balatiponé-Umutina no Museu Casa Borges, curadoria intercultural inspirada em experiência de museus etnográficos que reconhecem a “importância da participação dos povos indígenas nos processos curoriais” (Garces; Karipuna, 2021; p.105).

Dois museus etnográficos

O Museu Magüta, é considerado como primeiro museu indígena no Brasil, criado em 1991, no município Benjamim Constant, no Amazonas, no alto rio Solimões, sendo administrado por um Conselho formado por indivíduos do próprio povo Tikuna, que inverteu “o sentido colonialista” de gestão hierarquizada como grande parte dos museus. O museu Magüta é utilizado não apenas para exposições e outras atividades museológicas, mas como local de reunião e fórum de luta do povo Tikuna por seus direitos e por questões de demarcação de seu território, “apresentando alternativas à museologia, para além de práticas convencionais”, sendo considerado “recinto consagrado como lugar dos objetos e bens culturais do povo Tikuna” (Faulhaber, 2020, p. 95).

A antropóloga Priscila Faulhaber, professora e pesquisadora dos cursos de pós graduação em Museologia e Patrimônio da Unirio, em seu texto Os índios Tikuna e o mundo dos museus (Faulhaber, 2020), discute a “apropriação cultural” de objetos indígenas por museus. Armas e objetos rituais foram levados, pelos invasores como registro das conquistas e expostos como mera curiosidade, como “arte indígena”, descolados de seu significado e, muitas vezes, descritos apenas pela visão do colonizador. A autora informa que mais recentemente muitos museus passam a buscar um “diálogo com o pensamento indígena”, a fim de reinterpretar objetos de seu acervo. O Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST é um desses museus que contou com a participação do professor Tikuna Bernabé Bettancourt Serra, doutorando em Linguística na UFRJ, na revisão dos conteúdos culturais da base de dados sobre os objetos do Povo Tikuna. A autora apresenta a visão dos estudantes Tikuna do mestrado profissional em línguas indígenas do Museu Nacional em relação à integração de seu povo com a comunidade não indígena em geral, e a acadêmica em particular – cujas pesquisas contribuem para a preservação e divulgação de sua cultura –, destacando o envolvimento de membros da comunidade indígena junto às ações do museu Magüta. Apesar do violento contato inicial com

os povos colonizadores, Faulhaber afirma: “subjulação de seus territórios e seus corpos, bem como modificações na sua cultura, isso não significou o aniquilamento étnico”, graças à relação entre instituições museais que salvaguardam em seus acervos objetos das culturas indígenas (2020, p. 96). A autora conclui colocando que, apesar da violência sofrida pelos povos originários e da discutível interpretação de seus objetos musealizados, a existência deles no museu pode, muitas vezes, ser fonte de reapropriação de técnicas e saberes perdidos por esses povos – “[...] pode-se dizer que objetos indígenas que viajaram para os mundos dos brancos de uma certa forma representam a persistência desses povos etnicamente diferenciados” (Faulhaber, 2020, p. 99-100).

Citando outro caso, tem-se o Museu Bororo, criado em 2001 – Museu Comunitário de Antropologia e Arqueologia e Centro de Cultura Bororo de Meruri, localizado na aldeia Meruri no município de General Carneiro, MT, uma das seis terras indígenas do povo Boe-Bororo. O Museu Bororo, expõe objetos etnográficos de “uma pequena coleção Bororo”, repatriados do Museu do Colle, instituição ligada a missionários salesianos, situado a cerca de 30 quilômetros de Turim, na Itália (Silva, 2011, p. 256). Para o antropólogo Aramis Luiz Silva, o acervo exposto no Museu Bororo, instalado dentro da aldeia indígena, proporciona “legitimidade simbólica a um discurso formulado com [...] intenção de selar diálogo entre o museu do Colle e a aldeia Meruri”, de onde as peças teriam sido retiradas e levadas para Itália no passado (Silva, 2011, p. 256). Aramis Silva, doutor em antropologia social e pesquisador do museu Bororo, juntamente com Aivone Carvalho Brandão, doutora em semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, diretora e curadora de museus salesianos, foram os responsáveis pela repatriação da coleção. Ambos consideram que uma das propostas do museu de Meruri é ser um museu de técnicas e que as peças da coleção “deveriam ser constantemente recriadas em oficinas interessadas em multiplicar o domínio de suas técnicas de produção entre os Bororo”, devendo ficar disponíveis para empréstimo para eventos fora da aldeia, “assim elas ganhavam vida para além da sua função museal de encarnar a si mesmas como peças de museu” (Silva, 2015).

O MuCB e sua relação com povos indígenas de Mato Grosso

Alguns dos atributos desses museus citados tem relação análoga a aspectos relevantes do Museu Casa Borges, destacando a participação direta das comunidades indígenas nas

atividades realizadas naquele espaço e, também, em relação à importância da musealização de objetos etnográficos como fonte de pesquisa e reafirmação da cultura dessas comunidades.

O Museu Casa Borges (MuCB) mantém vínculo com diversos povos indígenas do estado de Mato Grosso, em especial com o povo Balatiponé-Umutina, cujo território localiza-se no município de Barra do Bugres. A exposição *Povo Balatiponé-Umutina: Passado, Presente, Futuro*³, realizada em 2019 no MuCB, dedicou-se a narrar a trajetória deste povo, suas lutas e anseios, tendo contado, em sua concepção e execução, com participação marcante de professores da escola Julá Paré e de outros membros daquela comunidade⁴.

A partir da proposta de se realizar uma exposição, foi feito um primeiro contato com docentes da escola Julá Paré, da aldeia Balatiponé-Umutina, que ficaram responsáveis pela curadoria da exposição, definição do tema a ser abordado e organização do conteúdo. Houve também a participação de membros do povo Balatiponé-Umutina durante o evento, com a promoção de atividades culturais complementares à exposição, na área externa do museu, como pintura corporal, músicas e danças tradicionais, tiro com arco e flecha, que compõem parte do patrimônio imaterial de seu povo (Fig. 01). Contar a história de um povo é uma grande responsabilidade e não pode prescindir de sua visão e participação direta como protagonista de sua própria história, sendo um “desafio conhecer, documentar, guardar, conservar e divulgar coleções de objetos indígenas” (Garcês; Karipuna, 2021; p.102).

³ Disponível no site do Museu Casa Borges: <https://museucasaborges.wordpress.com/2020/09/26/balatipone-umutinapassado-presente-futuro/>

⁴ A exposição teve coordenação do professor Márcio Monzilar Corezomaé, e catalogação das imagens pela bibliotecária Tainara Toriká Kiri de Castro.

Figura 01: Jovens Umutina ensinando tiro com arco e flecha para crianças no Museu Casa Borges.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2019; disponível em: <https://museucasaborges.wordpress.com/>

O povo Balatiponé-Umutina vive, desde tempos imemoriais, na região da bacia do alto rio Paraguai. Seu território ocupa, atualmente, uma área demarcada de 28 mil hectares, entre os rios Paraguai e Bugres, que foi homologada em 1989, no município de Barra do Bugres (Brasil, 1989). O violento contato com os não-indígenas, ocorrido na segunda metade do século XIX, principalmente por extrativistas interessados em espécies vegetais nativas daquela região, levou os Balatiponé-Umutina a sua quase extinção, causando grandes perdas à cultura desse povo (Schultz, 1953; ISA, 2020). Resistindo na mata, sem contato, promovendo “o silenciamento da própria cultura, a fim de preservá-la”, aguardando momento propício para sua volta (Corezomaé, 2017, p.66).

Somente a partir do ano 2000, o grupo de teatro Nação Nativa, formado por jovens sob a orientação de Helena Corezomaé⁵, entre outros membros do povo Balatiponé-Umutina, deu início à pesquisa bibliográfica em livros, fartamente ilustrados, de autoria de pesquisadores, como Harald Schultz, que passaram por aquele território, e junto aos mais velhos, coletaram

⁵ Helena Indiara Ferreira Corezomaé, formada em jornalismo, mestre em antropologia social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) atua como assessora de comunicação do Instituto Catitu, tendo se dedicado à militância em prol dos povos indígenas. O Instituto Catitu atua em defesa dos direitos dos povos tradicionais, entre os quais a garantia de seu território e a autonomia de decisão partindo de suas próprias visões. Disponível em: <https://institutocatitu.org.br/instituto/> Acesso em 02 ago. 2024.

relatos e histórias vividas e ouvidas por eles, sobre a cultura original do povo Balatiponé-Umutina. Inicialmente, incentivados pelos professores e, a partir de 2008, pelas pesquisas realizadas por Cleomar Tan Huare no acervo do Museu Nacional dos Povos Indígenas do Rio de Janeiro, antigo Museu do Índio, conseguiram recuperar parte das práticas de sua cultura que haviam deixado de ser praticadas, levando para os jovens, técnicas de confecção do cocar horizontal - *bodo*, utilizado em rituais e que, hoje, é o símbolo característico dos Balatiponé-Umutina (Fig. 02). Além disso, houve ainda a reintrodução de práticas culturais como cantos e danças, grafismo corporal, entre outros saberes, evidenciando a importância dos objetos etnográficos musealizados (Tan Huare, 2016; Corezomaé, 2021).

Figura 02: Homem Balatiponé-Umutina usando o *bodo*, detalhe de fotografia do livro de Harald Schultz de 1959: “Atukaré convida os espíritos dos antepassados para a festa [...]”.



Fonte: Schultz, 1953, p. 57

Por influência da Escola Estadual Indígena Julá Paré, que inclui em seu currículo temas relacionados aos saberes tradicionais, esses bens imateriais passam a ser valorizados pelos mais jovens, o que pode ser visto em algumas atividades desenvolvidas internamente, como a pesca

com timbó, o tiro com arco, a construção das casas, entre outros saberes, apresentados na exposição no MuCB:

Pesca com Timbó

A pesca com timbó é um grande evento, realizado anualmente pelo povo Balatiponé-Umutina, com a participação de pessoas de todas as idades, prática social que reforça sua inter-relação com a natureza (Fig. 03).

O timbó é um cipó, cuja seiva tóxica é usada para atordoar os peixes e facilitar sua pesca: “É como sabão fino que penetra nos vasos capilares das guelras dos peixes, asfixiando-os” (Schultz, 1953, p. 19). O cipó é cortado em pedaços de cerca de um metro e amarrado em feixes, que são levados à margem do lago e macerados com um porrete, quando soltam uma espuma branca que se mistura à água. Em pouco tempo, os peixes começam a subir à superfície e são pegos com flexa, arpão ou cestos.

A pesca com timbó na aldeia Balatiponé-Umutina acontece após a época das chuvas, quando baixa o nível das águas, deixando as lagoas, antigas curvas do rio, repletas de peixes represados. O rio Paraguai é um rio de planície, seu leito forma curvas que vão se acentuando com a constante erosão e deposição de sedimentos em suas margens, ao ponto de se romperem, unindo uma curva a outra, mudando seu leito e criando as lagoas.

Figura 03: Crianças na pesca com Timbó



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2016; disponível em: <https://museucasaborges.wordpress.com/>

Tiro com arco

O povo Balatiponé-Umutina tem grande habilidade no manejo do arco e flecha (Fig. 04) bem como em sua confecção, conhecimentos desenvolvidos desde criança. Hoje essa aptidão é mais utilizada em apresentações culturais, jogos indígenas e outras competições, na modalidade arco nativo, nas quais os arqueiros Balatiponé obtêm sempre excelentes colocações (ISA, 2000; FUNAI, 2011). Além da caça, os Balatiponé-Umutina utilizavam o arco e flecha também como sinal de boas-vindas aos visitantes, o que nem sempre era bem interpretado: ao chegarem os visitantes, os homens esticavam a corda do arco e o soltavam, sem lançar a flecha, produzindo um ruido. Harald Shultz conta sua experiência quando de sua primeira visita aos Umutina, em 1943:

[...] esticam a corda dos arcos, vergando-os com a flecha dirigida ameaçadoramente contra nós, pronta a ser arremessada. Ouve-se o estalar da corda, mas a flecha não alça vôo, ficando presa entre o indicador e o polegar do agressor. [...] chamada "saudação agressiva", maneira muito peculiar e difundida com que algumas tribos indígenas saúdam seus amigos (Schultz, 1953, p.12).

Esse modo de receber os visitantes é tido como uma das causas da morte de muitos indígenas daquele povo por invasores que, sentindo-se ameaçados, revidavam atirando.

Figura 04 – Menino atirando com arco nos Jogos Umutina de 2016.



Fonte: MuCB, 2020, colagem elaborada pelos autores.

Arquitetura de troncos

A arquitetura tradicional dos Balatiponé-Umutina sofreu transformações significativas, havendo atualmente nas aldeias muitas casas produzidas com materiais industrializados, como blocos cerâmicos, madeira serrada, telhas de cerâmica etc., mas ainda podem ser encontradas casas construídas com materiais locais, utilizando técnicas de seleção, preparo e construção que continuam a ser difundidas entre os jovens e dominadas por muitos. A casa tradicional, chamada *yixipá* na língua nativa, tem planta retangular, geralmente dividida em quatro cômodos, com estrutura de madeira bruta, modulada em vãos regulares com dimensões que variam de três metros e meio a quatro metros, com pilares que apoiam a cumeeira e as vigas horizontais que dão apoio à estrutura da cobertura. A vedação das paredes é feita com troncos mais finos, justapostos verticalmente, apoiados sobre uma peça horizontal junto ao solo, com um sulco longitudinal em “V”, e amarradas ou pregadas na estrutura (Fig. 05), e a cobertura de folha da palmeira babaçu. Os membros mais velhos transmitem aos jovens o conhecimento das técnicas e das espécies adequadas a cada elemento: Aroeira, canela ou peroba, madeiras duras, para as peças estruturais, especificamente as que ficam em contato com o solo; Aricá, adequada para as peças da estrutura da cobertura e vedação de paredes, por serem mais leves e de crescimento rápido; e para a cobertura as folhas de espécies de palmeiras, como a indaiá, buriti ou babaçu, com maior ou menor durabilidade (Adrião, 2017).

Figura 05: Casa em construção: amarração dos troncos das paredes na estrutura.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor, 2016.

Originalmente, a casa tinha seção triangular, com “cobertura-parede em duas águas”, como denomina o arquiteto Portocarrero em sua pesquisa sobre habitação indígena, sendo aos poucos transformada no modelo atual, com paredes verticais e cobertura em duas águas,

possivelmente, influenciada pela casa sertaneja, que pode ter servido como inspiração após o contato (Portocarrero, 2010, p. 173) (Fig. 06).

Figura 06: Casa Umutina retratada por Harald Schultz em sua expedição na década de 1940 e uma das casas de madeira bruta na aldeia Bakalana, uma das aldeias da terra indígena Balatiponé-Umutina, em 2016.



Fonte: Schultz, 1953, p. 7; imagem elaborada pelo autor, 2016; colagem elaborada pelos autores.

A recuperação das técnicas e a realização das atividades tradicionais proporcionou, também, alternativas de geração de renda, a partir do desenvolvimento do etnoturismo e ecoturismo dentro das aldeias. Com apoio da Secretaria de Turismo do município, foram criados roteiros de caminhadas e cicloturismo entre aldeias dentro do território Balatiponé (Balatiponé, 2023).

Considerações finais: O museu e o patrimônio das comunidades

Além da exposição Balatiponé-Umutina, o MuCB já recebeu em seu espaço outros eventos contando histórias de povos indígenas, como a 1ª Feira Indígena Intercultural de Mato Grosso em que representantes de 24 etnias do estado de Mato Grosso⁶ apresentaram sua cultura material e imaterial, culminando com um fórum de discussão sobre os direitos das mulheres indígenas.

A comunicação desses bens, materiais e imateriais, feita pelas exposições realizadas no espaço físico do Museu Casa Borges, e posteriormente publicados no *site* do museu, tenta

⁶ O evento foi coordenado pela professora Waldinéia Antunes de Alcantara Ferreira, da Faculdade Indígena Intercultural (Faindi), vinculada à Unemat, e estiveram representados os povos Apiaká, Arara, Bakairi, Bororo, Chiquitano, Cinta-Larga, Irantxe, Juruna, Kalapalo, Karajá, Kayabi, Kuikuru, Mebemgôkre, Meynako, Munduruku, Myky, Nambikwara, Paresi, Rikbaktsa, Tapirapé, Terena, Umutina, Waurá, Xavante (Relatórios do MuCB).

mostrar a importância de cada povo, de cada comunidade, como detentora de um conjunto de bens e formas de expressão, permanentemente recriadas, que os torna únicos.

Paisagem, saberes, ritos, técnicas, bens culturais pouco difundidos fora daquele ambiente, tradições populares, muitas vezes excluídas do que é considerado bem simbólico “legítimo” (Scheiner, 2001) que merecem ser valorados, como forma de preservação das culturas, tanto pela divulgação através das ações realizadas no museu e das atividades de etnoturismo, mas principalmente pelo sentimento de identidade daquelas pessoas, promovendo sua continuidade através da perpetuação dos saberes pelas novas gerações.

Um próximo passo para consolidação do Museu Casa Borges deve ser a utilização do espaço como centro de informação e divulgação dos patrimônios de Barra do Bugres, não se fixando apenas nos bens reunidos em suas exposições, mas abrangendo todo o edifício do museu e arredores, incluindo ainda as tradições e os saberes das diversas comunidades que compõem a população de Barra do Bugres. O museu é muito mais do que o edifício e os objetos em seu interior. Inserido no centro histórico da cidade, o MuCB tem em seu entorno lugares, edifícios, monumentos, paisagens, que fazem parte da história da cidade e que podem ser ressignificados como “documentos” dessas histórias a serem contadas, como coloca Le Goff (1990, pp. 465-466).

O município, assim como tantos outros, possui patrimônios, tanto de caráter material quanto imaterial, saberes, ambiências, monumentos que passam despercebidos de grande parte das pessoas. Esses bens, entretanto, podem ganhar relevância quando se tornam reconhecidos pela comunidade como símbolos de fatos históricos, de saberes e fazeres tradicionais, representando partes de uma história que pode ser contada de diversas formas, como aponta o professor e museólogo Ulpiano Meneses sobre bens culturais que representam “a identidade que os grupos sociais lhe impõem” (Meneses, 1996, p. 93). O monumento adquire categoria de documentação de determinado episódio, como complemento aos documentos escritos ou contados, testemunhos das memórias, representadas por “marcas” deixadas pelo ser humano em algum momento de sua passagem, como ressalta Jacques Le Goff em Monumento/Documento (Le Goff , 1990, p. 465).

O professor e museólogo Mário Chagas ressalta que a implementação de museus com foco nas culturas populares pode ser um reflexo das transformações que o país vem passando em relação à forma de contar suas histórias a partir de outras perspectivas: “Já não são apenas

os palácios” que são valorizados como memória, todos têm direito a ter suas memórias representadas. Chagas enfatiza que a valorização das culturas de pessoas “de todas as camadas sociais, de todos os grupos étnicos” tem refletido no surgimento de museus que desenvolvem ações representativas de diversos grupos sociais antes invisibilizados, como “povos indígenas, comunidades quilombolas, moradores de favela, militantes de movimentos sociais, praticantes de religiões não dominantes e muito mais” (Chagas, 2010, p. 7). O Museu Casa Borges se vê como representante dessa categoria de museus que dão voz à diversidade.

Ainda que haja dificuldades de aproximação e envolvimento das diferentes comunidades que compõem o panorama da região, o Museu Casa Borges está aberto a novas propostas e ideias, tentando trazer para dentro de suas salas pessoas de diversos grupos sociais, não apenas como espectadores, mas como idealizadores e promotores de ações de comunicação de sua cultura – exposições, músicas, danças, palestras, fóruns, oficinas. Essas atividades vêm atraindo olhares das pessoas da própria coletividade e das demais comunidades do entorno, cada qual percebendo o espaço de forma diferente. O antropólogo Néstor Canclini fala das diferentes formas de “apropriação do patrimônio cultural” por pessoas de diferentes estratos sociais, econômicos, culturais (Canclini, 1999, p. 17). Ainda que o museu esteja aberto gratuitamente a todos, nem todas as pessoas entram no museu e, dentre os que entram, cada qual assimila, dos conteúdos expostos, o que mais lhe dizem respeito ou interessam, fazendo-o de diferentes formas, em razão de sua cultura específica. O museu fora de seus muros, a céu aberto, pode proporcionar maior abrangência, atraindo pessoas da região que nunca visitaram um museu, realidade comum em uma cidade pequena como Barra do Bugres. Ainda que convivam diariamente com tantos símbolos e patrimônios culturais de suas comunidades, os habitantes do município têm no museu um espaço de reconhecimento de seus valores, o que influencia a preservação e difusão da diversidade de suas tradições.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, João Mário de Arruda. A casa Balatiponé/Umutina. A língua em que habitamos - volume 3: **Paisagens culturais. A paisagem produtiva com patrimônio.** p. 39 a 48. Ed.: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa. Abril de 2017.
- ARRUDA, Lucybeth Camargo de. **Posto Fraternidade Indígena: Estratégias de Civilização e Táticas de Resistência (1913-1945).** 2003. 162f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

BALATIPONÉ Etnoturismo. Projeto de Ecoturismo e Etnoturismo na Terra Indígena Umutina-Balatiponé. 2023. Disponível em: <https://balatipone.com.br/> Acesso em 29.jul.2024.

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal de. História de Barra do Bugres. Última atualização 2024. Disponível em: <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Institucional/Caracteristicas/> Acesso em 02.jun.2024

BARRA DO BUGRES, Prefeitura Municipal de. Lei Municipal Nº 2.472/2021 “Que cria o Museu Casa Borges no Município de Barra do Bugres, e dá outras providencias”. Portal Transparência. 2021. Disponível em: <https://www.barradobugres.mt.gov.br/Transparencia/Legislacao/Leis/6//6/> acesso em: 24.jun.2022

CANCLINI, Néstor García. Los usos sociales del patrimonio cultural. in: Repositorio del Observatorio Latinoamericano de Gestión Cultura. Universidad de Guadalajara, México, 1999. Disponível em: <https://observatoriocultural.udgvirtual.udg.mx/repositorio/handle/123456789/130> Acesso em: 04.maio.2024.

CHAGAS, Mário. A poética das casas museus de heróis populares. Revista Mosaico – Volume 2 – Número 4 – 2010. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/62790> Acesso em: 23.out.2023

COREZOMAÉ, Helena Indiara Ferreira. Grupo Teatral Nação Nativa, intérpretes de sua própria história. História Balatiponé-Umutina. TI Umutina. Aldeia Umutina. in: Teatro e os Povos Indígenas: janelas abertas para a possibilidade. 167 p. : il. Naine Terena e Andreia Duarte (Org.). N1 edições. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://tepi.digital/teatro-e-os-povos-indigenas-janelas-abertas-para-a-possibilidade/> Acesso em 16.dez.2022.

COREZOMAÉ, Márcio Monzilar. Narrativa de origem do povo indígena Balatiponé-Umutina – Ressignificação e traços de hibridismo. História do Povo Balatiponé-Umutina, TI Umutina. Aldeia Umutina. Revista ECOS, [S. l.], v. 23, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/2680> Acesso em: 01.nov.2024

FAULHABER, Priscila. Os Tikuna no mundo dos museus. in: Descolonizando a Museologia 1: Museus, Ação Comunitária e Descolonização. The Monographs of ICOFOM - ICOM/ICOFOM, 2020. ed: BRULON, Bruno, pp 91- 102.

FUNAI, Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Indígena Umutina se torna cacique por ter se consagrado a melhor atiradora de arco e flecha. Publicado em 10.nov.2011. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2011/indigena-umutina-se-torna-cacique-por-ter-se-consagrado-a-melhor-atiradora-de-arco-e-flecha> Acesso em 10.abr.2024

GARCÉS, Claudia Leonor López; KARIPUNA, Suzana Primo dos Santos. ‘Curadorias do invisível’: conhecimentos indígenas e o acervo etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi. in: Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 10, n. 19, jan./jun., 2021, p. 101-114.

ISA, Instituto Socioambiental. José Zoró é campeão no arco nativo. Diário de Cuiabá, 06.nov.2000. acervo do ISA. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/37751_20160921_094410.PDF acesso em: 10.abr.2024.

ISA, Instituto Socioambiental. **Umutina**. Última atualização em 24 de setembro de 2024. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Umutina> Acesso em: 10.abr.2014.

JESUS, Antônio João. **Os Umutina**. in Dossiê Índios em Mato Grosso. OPAN, Operação Anchieta; CIMI/MT, Conselho Indigenista Missionário. Cuiabá 1987. P. 72 - 77. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aopan-cimi-1987-indios/Opan_CimiMT_1987_DossieIndiosEmMatoGrosso.pdf Acesso em: 04.agosto.2024.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão et all – 7ª ed. Revista – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Os usos culturais da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais**. Turismo : espaço, paisagem e cultura. Tradução. São Paulo: Hucitec, 1996. P. 88-99 Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4224094/mod_resource/content/2/4b-Ulpiano-UsosCulturaisdaCultura%20%281%29.pdf Acesso em: 04.maio.2024.

MuCB - MUSEU CASA BORGES. 2020. Disponível em: <https://museucasaborges.wordpress.com/>

OLIVEIRA, Carlos Edinei de. **Universo da Poaia e seu Patrimônio Cultural: Marcas do Tempo de Rondon e da Coluna Prestes**. XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH Brasil. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal-RN, 2013. 14 p. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364788439_ARQUIVO_UNIVERSODAPOAIAEUPATRIMONIOCULTURAL.pdf. Acesso em: 24.jun.2022.

PORTOCARRERO, José Afonso Botura. **Tecnologia indígena em Mato Grosso: habitação**. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2010

SCHEINER, Tereza. **Museologia, Identidades, Desenvolvimento Sustentável: Estratégias discursivas**. p. 46 – 56. in: Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável / Museologia e Desenvolvimento Sustentável. / II. Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus / IX ICOFOM LAM.. Rio de Janeiro: Tacnet Cultural Ltda., 2001. 362p. il., 21,59 x 27,94cm.

SCHULTZ, Harald. **Vinte e Três índios resistem à civilização**. Ed. Melhoramentos, 1953. Disponível em: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú <http://www.etnolinguistica.org> Acesso em 15.jun.2023

SILVA, Aramis Luiz. **Mapa de viagem de uma coleção etnográfica – A aldeia Bororo nos museus Salesianos e o museu Salesiano na aldeia Bororo**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação do Departamento de Antropologia Social. Doutorado, orientadora Professora Doutora Paula Montero. São Paulo, 2011.

SILVA, Aramis Luiz. **Meruri 2015: do território cultural ao território dos entraves morais**. Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). Disponível em: https://issuu.com/bdlf/docs/116-3-500-1-10-20161219_2/s/11561672 Acesso em: 07.abr.2024

TAN HUARE, Cleomar Myahu. **ARTE PLUMÁRIA UMUTINA: BODÔ**. Cultura do Povo Balatiponé-Umutina. TI Umutina. Aldeia Umutina, 2016. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Línguas, Artes e Literatura, apresentado à Universidade do Estado de Mato

Grosso - UNEMAT, Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, Barra do Bugres, MT.
Orientadora: Prof.^a Dr^a. Mônica Cidele da Cruz.

Recebido em 18 de fevereiro de 2025

Aprovado em 23 de fevereiro de 2025

Publicado em 25 de fevereiro de 2025

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito dever ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

